

# A CAMAREIRA



NITA PROSE



# A camareira

Nita Prose

Tradução de Julia Sobral Campos



Copyright © 2022 by Nita Prose Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
The Maid

COPIDESQUE  
Sérgio Motta

REVISÃO  
Luiz Felipe Fonseca  
Patrick Dias  
Thais Entriel

PROJETO GRÁFICO  
Virginia Norey

DIAGRAMAÇÃO  
Inês Coimbra

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P959c

Prose, Nita

A camareira / Nita Prose ; tradução Julia Sobral Campos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

336 p. ; 23 cm.

Tradução de: The maid  
ISBN: 978-65-5560-586-0

978-65-5560-596-9 [c.i.]

1. Romance canadense. I. Campos, Julia Sobral. II. Título.

21-73367

CDD: 819.13

CDU: 82-31(71)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

---

## PRÓLOGO



**E**u sou sua camareira. Sou eu quem limpa seu quarto de hotel, quem entra como um fantasma quando você está perambulando por aí durante o dia sem se preocupar com o que deixou para trás, com a bagunça ou com o que eu talvez veja quando você não está.

Sou eu quem tira seu lixo, quem joga fora os recibos que você não quer que ninguém descubra. Sou eu quem troca seus lençóis e sabe se você dormiu neles na noite anterior, e se dormiu sozinho ou não. Sou eu quem coloca seus sapatos junto à porta, que ajeita os travesseiros e encontra fios de cabelo neles. Seus? Diria que não. Sou eu quem faz a faxina depois que você bebe demais e suja o assento da privada, ou coisa pior.

Quando termino meu trabalho, seu quarto está impecável. Sua cama está perfeita, com quatro travesseiros macios, como se ninguém jamais tivesse se deitado ali. A poeira e a sujeira que deixou para trás foram aspiradas e esquecidas. O espelho polido reflete sua expressão de inocência. É como se você nunca tivesse pisado aqui. É como se toda a sua imundície, todas as suas mentiras e trapaças tivessem sido apagadas.

Sou sua camareira. Sei muita coisa sobre você. Mas, afinal, o que você sabe sobre mim?

SEGUNDA-FEIRA



---

## CAPÍTULO 1



Tenho plena consciência de que meu nome é ridículo. Não era ridículo quatro anos atrás, antes de eu conseguir esse emprego. Sou camareira no Hotel Regency Grand e meu nome é Molly. Como Molly Maid, o serviço de limpeza. Uma piada pronta. Antes de conseguir o emprego, Molly era só um nome qualquer, escolhido pela minha mãe, que me abandonou há tanto tempo que não tenho lembranças dela, só algumas fotos e as histórias que a vovó me contou. Segundo a vovó, minha mãe achava Molly um nome fofo. Dizia que fazia a gente pensar na hora em meninas de bochechas redondas e maria-chiquinha — exceto que nunca tive nada disso. Tenho cabelo escuro, simples, que mantenho num corte chanel preciso e bem cuidado. Reparto o cabelo no meio — exatamente no meio. Sempre liso e reto. Gosto de coisas simples e organizadas.

Tenho as maçãs do rosto protuberantes e uma pele pálida que até impressiona as pessoas de vez em quando, não sei por quê. Sou tão branca quanto os lençóis que tiro e coloco nas camas, tiro e coloco, o dia todo nos vinte e tantos quartos que arrumo para os ilustres hóspedes do Regency Grand, um hotel boutique cinco estrelas que se orgulha da “elegância sofisticada e bom gosto adequado aos novos tempos”.

Nunca na vida achei que ocuparia um cargo tão altivo em um hotel de renome. Sei que outras pessoas não pensam assim, acham que camareiras não são ninguém. Sei que todos nós deveríamos aspirar a ser médicos,

advogados e magnatas do mercado imobiliário, mas não sou assim. Sou tão grata pelo meu trabalho que acho que estou sonhando todos os dias. De verdade. Sobretudo agora, sem a vovó. Sem ela, minha casa não é minha casa. É como se toda a cor do apartamento que a gente dividia tivesse ido embora. Mas, no instante em que entro no Regency Grand, o mundo fica colorido como uma tela de cinema.

Quando me apoio no brilhante corrimão de bronze e subo os degraus escarlates que levam ao majestoso pórtico do hotel, sou Dorothy entrando em Oz. Empurro a reluzente porta giratória e vejo meu verdadeiro eu refletido no vidro — meu cabelo escuro e minha pele pálida são onipresentes, mas um rubor volta às minhas bochechas e minha razão de ser é restaurada mais uma vez.

Quando passo das portas, costumo parar um pouco para assimilar a grandiosidade do saguão. Ele nunca deixa a desejar. Nunca perde a graça ou o brilho. É igualmente maravilhoso, todo santo dia. A recepção fica à esquerda da entrada, com um balcão escuro de obsidiana e concierges bem-vestidos, de preto e branco, feito pinguins. E há o amplo saguão, em forma de U, com um elegante piso de mármore italiano, de um branco imaculado e reluzente, que guia os olhos até a escadaria de acesso ao mezanino. Os corrimãos são compostos por serpentes de bronze enroladas em balaústres opulentos, segurando esferas douradas nas mandíbulas, e lá em cima o ambiente é todo em requintados detalhes Art Déco. Alguns hóspedes costumam ficar no parapeito do mezanino, com as mãos apoiadas nas colunas brilhantes ao observar o glorioso cenário abaixo — carregadores andando em ziguezague, arrastando malas atrás de si, outros hóspedes sentados em suntuosas poltronas ou casais aninhados em sofás verde-esmeralda, enquanto os segredos são absorvidos pelo veludo escuro e macio.

Mas talvez a minha parte preferida do saguão seja a experiência olfativa que ele proporciona, aquela primeira leva de aromas que me atinge no início de cada expediente — a mistura dos perfumes chiques das mulhe-

res, o odor almiscarado das poltronas de couro, o cítrico do verniz que é usado duas vezes ao dia no piso de mármore reluzente. É o cheiro da vida acontecendo.

Todos os dias, quando chego para trabalhar no Regency Grand, me sinto viva outra vez. Parte de algo maior, do esplendor e da cor. Sou parte do conceito, um quadrado luminoso e único, indispensável à tapeçaria.

Vovó costumava dizer: *Se você amar seu trabalho, não vai trabalhar nenhum dia da sua vida*. E ela tinha razão. Cada dia de trabalho é uma alegria para mim. Eu nasci para fazer isso. Amo fazer faxina, amo meu carrinho de camareira e amo meu uniforme.

Não há nada como um carrinho de camareira perfeitamente abastecido no começo da manhã. Na minha humilde opinião, é uma cornucópia de dádivas e beleza. Os pacotinhos de sabonetes novos, delicadamente embrulhados e com aroma de flor de laranjeira, as garrafinhas de xampu, as pequenas caixas de lenços, os rolos de papel higiênico envoltos em filme protetor, as toalhas branquíssimas de três tamanhos — banho, mão, rosto — e as pilhas de guardanapos de renda para as bandejas de chá e café. E, por fim, o kit de limpeza, que inclui um espanador, cera de limão para os móveis, sacos de lixo antissépticos levemente aromatizados e uma seleção impressionante de borrifadores com solventes e desinfetantes, todos organizados e prontos para combater qualquer mancha, seja de café, vômito... ou até mesmo sangue. Um carrinho de camareira bem abastecido é um milagre portátil da higienização; é uma máquina de limpeza com rodinhas. É lindo.

E meu uniforme. Se tivesse que escolher entre meu uniforme e meu carrinho, acho que não conseguiria. Meu uniforme é minha liberdade. É a melhor capa de invisibilidade. Ele é lavado a seco diariamente, na própria lavanderia do hotel, localizada nas úmidas entranhas do prédio, no fim do corredor onde ficam nossos vestiários. Todos os dias, antes de eu chegar ao trabalho, o uniforme é pendurado na porta do meu armário. Vem dentro de um plástico fino com um papelzinho colado, com meu



nome escrito em caneta preta. Que alegria o ver ali de manhã, minha segunda pele — limpo, desinfetado, recém-passado, com uma mistura de cheiros de papel novo, piscina coberta e um nada. Um recomeço. É como se o dia anterior e todos os outros antes dele tivessem sido apagados.

Quando visto meu uniforme de camareira — não desses antiquados tipo *Downton Abbey* nem o clichê da coelhinha da Playboy, mas a camisa social engomada e tão branca que chega a doer nos olhos e a saia lápis preta justa (de tecido elástico, para permitir os movimentos) —, fico inteira. Uma vez vestida para meu dia de trabalho, me sinto mais confiante, como se eu soubesse exatamente o que dizer e fazer — na maior parte do tempo, pelo menos. E quando tiro o uniforme no fim do dia, me sinto nua, desprotegida, incompleta.

A verdade é que eu costumo ter dificuldade com situações de socialização; é como se as pessoas estivessem jogando um jogo elaborado, com regras complexas que todos conhecem, mas para mim é sempre a primeira vez. Cometo erros de etiqueta com uma regularidade preocupante, ofendo quando minha intenção é elogiar, interpreto errado a linguagem corporal das pessoas, digo a coisa errada na hora errada. Só graças à minha avó sei que um sorriso não necessariamente significa que a pessoa está feliz. Às vezes, as pessoas sorriem por estarem zombando de você. Ou agradecem, quando na verdade querem dar um tapa na sua cara. Vovó costumava dizer que a minha interpretação dos comportamentos alheios estava melhorando — *um passo de cada vez, minha querida* —, mas agora, sem ela, está difícil. Antes, quando eu chegava em casa correndo do trabalho, abria a porta do nosso apartamento com afobação e fazia as perguntas que tinha guardado ao longo do dia.

— Cheguei! Vó, ketchup funciona mesmo para limpar cobre ou é melhor usar sal e vinagre? É verdade que algumas pessoas bebem chá com creme? Vó, por que me chamaram de Rumba no trabalho hoje?

Mas agora, quando a porta de casa se abre, não ouço aquele “Ah, Molly, querida, eu explico” ou “Deixa eu fazer um café e depois respondo tudo

isso”. Agora, nosso apartamentinho de dois quartos parece oco, sem vida, vazio, feito uma caverna. Ou um caixão. Ou um túmulo.

Embora eu adore festas, quase não me convidam para elas — deve ser por causa da minha dificuldade de interpretar as expressões faciais dos outros. Aparentemente, meus papos são estranhos e, de acordo com os boatos, não tenho amigos da minha idade. Para ser justa, isso está 100% correto. Não tenho amigos da minha idade. Tenho poucos amigos de qualquer idade, aliás.

Mas no trabalho, quando estou usando meu uniforme, eu me encaixo, me torno parte da decoração do hotel, como o papel de parede listrado em preto e branco que adorna muitos corredores e quartos. Com meu uniforme, contanto que eu fique de boca fechada, posso ser qualquer pessoa. Você poderia me ver numa fila de suspeitos na delegacia e não me reconhecer mesmo tendo passado por mim dez vezes em um só dia.

Completei 25 anos recentemente, “um quarto de século”, como diria minha avó se pudesse me dizer alguma coisa. Mas não pode, porque está morta.

Sim, morta. Por que falar de outro jeito? Ela não “se foi”, como uma doce brisa passageira que acaricia as folhas das árvores. Não foi embora calmamente. Ela morreu. Cerca de nove meses atrás.

O dia seguinte à morte dela estava bonito, quente, e, quando fui trabalhar, como sempre, o Sr. Alexander Snow, o gerente do hotel, ficou surpreso em me ver. Ele lembra uma coruja. Usa óculos com armação de tartaruga, muito grandes para o rosto exíguo dele. Penteia o cabelo ralo para trás, com entradas que formam um “m” na testa. Ninguém gosta muito dele no hotel. Como a vovó costumava dizer: *Não se importe com o que os outros pensam; o que importa é o que você pensa*. Eu concordo. A pessoa tem que viver de acordo com o próprio código moral, não seguir os outros feito um carneirinho.

— Molly, o que você está fazendo aqui? — perguntou o Sr. Snow, quando apareci no trabalho um dia depois da morte da minha avó. —

Meus pêsames pela sua perda. O Sr. Preston me disse que sua avó faleceu ontem. Já pedi uma substituição para o seu turno. Imaginei que fosse tirar o dia de folga.

— Por que imaginou isso, Sr. Snow? — perguntei. — Como a vovó dizia, “imaginação é como Imagem e Ação, muitas vezes passa longe da realidade”.

Por pouco os olhos do Sr. Snow não saltaram para fora.

— Minhas condolências. Tem certeza de que não quer tirar o dia de folga?

— Foi a vovó que morreu, não eu — respondi. — O show precisa continuar, sabe?

Os olhos dele se arregalaram ainda mais. Parecia chocado, não sei. Nunca vou entender por que as pessoas acham a verdade mais absurda do que as mentiras.

Mas o Sr. Snow cedeu.

— Como preferir, Molly.

Alguns minutos depois, eu estava lá embaixo, em um dos vestiários das camareiras, vestindo meu uniforme como faço todos os dias, como fiz hoje de manhã, como farei amanhã, por mais que outra pessoa — não minha avó — tenha morrido hoje. E não em casa, mas no hotel.

Sim. Isso mesmo. Hoje, no trabalho, encontrei um hóspede 100% morto na cama. Sr. Black. O Sr. Black. Fora isso, meu dia foi totalmente normal.

Não é interessante como um único acontecimento sísmico pode mudar nossa lembrança do que aconteceu? Geralmente meus dias de trabalho se confundem, as tarefas se acumulam e se misturam. As lixeiras que esvaziam no quarto andar se juntam às do terceiro. Poderia jurar que estou limpando a suíte 410, do canto, com vista para o lado oeste da rua, quando na verdade estou na outra extremidade do hotel, no quarto 430, no canto leste, que é o inverso espelhado da suíte 410. Mas então algo extraordinário acontece — como encontrar o Sr. Black 100% morto na cama —, e de repente o dia se cristaliza, vai de gasoso para sólido em um instante. Cada momento se torna memorável, diferente de todos os outros dias de trabalho que vieram antes.

Foi hoje, por volta de três da tarde, quase no fim do meu turno de trabalho, que o acontecimento sísmico se deu. Eu já tinha limpado todos os quartos na minha lista, incluindo a cobertura dos Black no quarto andar, mas precisei voltar até a suíte deles para terminar de limpar o banheiro.

Não fique achando que eu sou descuidada ou desorganizada no meu trabalho só porque limpei a cobertura dos Black duas vezes. Quando limpo um quarto, vou de uma ponta à outra. Deixo tudo impecável, imaculado — nenhuma superfície fica sem ver um pano, nenhuma sujeira fica para trás. *Limpar é estar em contato com Deus*, dizia vovó, e acho que é um princípio ótimo para se seguir. Não enrolo, limpo cada cantinho. Não sobra nem uma impressão digital, nenhuma mancha para apagar.

Portanto, não é que eu fiquei simplesmente com preguiça e decidi não limpar o banheiro dos Black quando fiz a faxina do resto da suíte toda hoje de manhã. *Au contraire*, o banheiro estava ocupado no momento da minha primeira visita de higienização. Giselle, a atual esposa do Sr. Black, entrou no chuveiro assim que cheguei. E, embora tenha me autorizado (mais ou menos) a limpar o resto da cobertura durante o banho dela, passou muito tempo no chuveiro; tanto tempo que o vapor começou a sair aos montes pela fresta de baixo da porta do banheiro.

O Sr. Charles Black e a segunda esposa, Giselle Black, são hóspedes recorrentes e de longa data do Regency Grand. Todos no hotel os conhecem; todos no país inteiro sabem quem são. O Sr. Black fica hospedado — ficava, aliás — conosco pelo menos uma semana por mês enquanto supervisionava seus negócios na cidade. O Sr. Black é — era — um empresário famoso, um magnata do ramo imobiliário. Ele e Giselle apareciam com frequência nas páginas de notícias sobre a alta sociedade. Ele era descrito como “um galã de meia-idade”, embora, importante frisar, não seja nenhum galã. Giselle, por sua vez, era geralmente descrita como “uma socialite jovem e esbelta; uma esposa-troféu”.

Eu achei a descrição elogiosa, mas vovó discordou quando leu. Quando perguntei por quê, ela disse: *é o que está nas entrelinhas*.

O Sr. e a Sra. Black estão casados há pouco tempo, cerca de dois anos. Nós do Regency Grand temos sorte de o estimado casal frequentar nosso hotel. Isso nos traz prestígio. O que, por sua vez, traz mais hóspedes. O que, por sua vez, significa que mantenho meu emprego.

Em uma ocasião, mais de 23 meses atrás, quando a gente passeava pelo Financial District, vovó apontou para todos os prédios de propriedade do Sr. Black. Eu não sabia que ele era dono de cerca de um quarto da cidade, mas ele é. Ou era. Parece que não se pode ter propriedades quando se é um cadáver.

— Ele não é dono do Regency Grand — disse o Sr. Snow certa vez sobre o Sr. Black, quando o Sr. Black ainda estava bem vivo.

O Sr. Snow pontuou o comentário com uma fungada esquisita. Não tenho ideia do que aquela fungada quis dizer. Um dos motivos pelos quais eu passei a gostar da segunda esposa do Sr. Black, Giselle, é que ela me diz as coisas de forma direta.

Hoje de manhã, na primeira vez que entrei na cobertura dos Black, limpei tudo de cima a baixo — menos o banheiro ocupado por Giselle. O comportamento dela estava diferente do normal. Quando cheguei, percebi que seus olhos estavam inchados e vermelhos. Alergia?, me perguntei. Ou seria tristeza? Giselle não se demorou. Pelo contrário, ela correu para dentro do banheiro assim que cheguei e bateu a porta com força atrás de si.

Não permiti que o comportamento dela interferisse na minha tarefa. Comecei a trabalhar imediatamente e limpei os cômodos com vigor. Quando tudo ficou na mais perfeita ordem, fui até a porta fechada do banheiro com uma caixa de lenços e disse a Giselle, da maneira como o Sr. Snow havia me ensinado:

— A suíte está novamente em perfeito estado! Volto mais tarde para limpar o banheiro!

— Ok! — respondeu Giselle. — Não precisa gritar! Nossa!

Quando ela finalmente saiu do banheiro, entreguei-lhe um lenço, caso estivesse mesmo com alergia ou chateada. Eu estava esperando alguma conversa, porque ela costuma ser bem faladeira, mas Giselle foi rapidamente para o quarto se vestir.

Deixei a suíte e fui limpar o restante do andar, um cômodo após o outro. Afofei travesseiros e limpei espelhos emoldurados. Tirei sujeiras e manchas dos papéis de parede e das próprias paredes. Recolhi lençóis sujos e toalhas úmidas. Desinfetei privadas e pias de porcelana.

Quando já tinha completado a metade do meu trabalho naquele andar, fiz uma breve pausa e fui colocar meu carrinho no porão, onde deixei duas sacolas grandes de lençóis e toalhas sujas na lavanderia. Apesar de o porão ser abafado, o que se acentua pela forte luz fluorescente e o pé-direito muito baixo, foi um alívio deixar aquelas sacolas para trás. Ao voltar para o corredor, me senti muito mais leve, ainda que minha pele estivesse oleosa e suada.

Decidi passar para ver Juan Manuel, que trabalhava lavando pratos na cozinha. A passos acelerados, passei pelos corredores labirínticos, virando nos lugares de sempre — esquerda, direita, esquerda, esquerda, direita —, feito um bichinho bem treinado. Quando alcancei as portas amplas da cozinha e entrei, Juan Manuel parou tudo e imediatamente pegou um grande copo de água com gelo para mim, pelo qual fiquei muito grata.

Depois de um papo curto e agradável, fui embora. Repus minhas toalhas e lençóis limpos na área de limpeza. Em seguida, fui ao segundo andar, onde o ar era mais fresco, para começar a faxina de uma nova leva de quartos que, estranhamente, só tinha alguns trocados de gorjeta, mas depois falo mais sobre isso.

Quando olhei meu relógio, eram cerca de três da tarde. Estava na hora de voltar para limpar o banheiro do Sr. e da Sra. Black. Parei diante da porta do quarto, tentando ouvir qualquer indício de ocupação lá dentro, e bati, conforme o protocolo.

— Camareira! — disse eu, numa voz alta, com certa autoridade educada.

Nenhuma resposta. Peguei meu cartão-chave mestra e entrei na suíte, arrastando o carrinho atrás de mim.

— Sr. e Sra. Black? Posso terminar minha higienização? Gostaria muito de deixar tudo perfeito.

Nada. Claramente, marido e esposa tinham saído, ou foi o que pensei. Melhor para mim. Ia poder fazer meu trabalho minuciosamente e sem distrações. Deixei que a porta pesada se fechasse atrás de mim. Olhei em torno da sala de estar. Não estava como eu a havia deixado algumas horas antes, limpa e organizada. As cortinas haviam sido fechadas sobre as impressionantes janelas — iam do teto até o chão, com vista para a rua abaixo —, e diversas garrafinhas de uísque do minibar estavam caídas sobre a mesa de vidro, onde havia também um copo pela metade com um charuto novinho ao lado. Havia um guardanapo amassado no chão, além de um afundamento no divã, onde a bunda da pessoa que bebia tinha deixado sua forma. A bolsa amarela de Giselle não estava mais onde eu a havia visto de manhã, na cômoda perto da entrada, o que significava que ela estava passeando pela cidade.

O trabalho de uma camareira nunca acaba, pensei comigo mesma enquanto tirava a almofada do divã, afofava e a devolvia ao lugar, consertando qualquer resquício de imperfeição no assento. Antes de limpar a mesa, decidi ver o estado dos outros cômodos. Pelo visto, era provável que tivesse de limpar tudo mais uma vez.

Fui até o quarto na extremidade da suíte. A porta estava aberta, e um dos roupões brancos felpudos do hotel, jogado no chão logo depois da entrada. De onde eu estava, conseguia ver o closet, com uma porta ainda aberta, exatamente como eu havia deixado de manhã, porque o cofre lá dentro também estava aberto, impedindo a porta do closet de ser fechada direito. Parte do conteúdo do cofre permanecia intacta — pude ver isso imediatamente —, mas os objetos que tinham me causado certa consternação mais cedo já não estavam ali. De certa forma, aquilo foi um alívio.

Desviei a atenção do closet, passei cuidadosamente por cima do roupão e entrei no quarto.

E só então eu o vi. O Sr. Black. Ele estava com o mesmo terno transpassado que usava mais cedo, quando esbarrou em mim no corredor, só que sem o papel no bolso frontal do terno. Estava deitado de barriga para cima na cama, que por sua vez tinha a aparência amassada e bagunçada, como se ele tivesse se remexido muito até terminar naquela posição. A cabeça estava apoiada em um travesseiro, não dois, e os outros dois travesseiros estavam tortos ao lado dele. Localizar o quarto travesseiro seria essencial, pois com toda certeza eu o havia colocado na cama de manhã quando a arrumara, já que, como dizem, o diabo está nos detalhes.

O Sr. Black estava descalço, os sapatos na outra extremidade do quarto. Eu me lembro disso nitidamente porque um dos sapatos apontava para a direção sul, e o outro, para a direção leste, e eu soube de cara que era meu dever profissional colocá-los na mesma direção, além de arrumar os cadarços embolados antes de sair do quarto.

É claro que não me ocorreu, logo que vi essa cena, que o Sr. Black estivesse morto. Pensei que estivesse tirando uma boa soneca depois de desfrutar de alguns drinques no meio da tarde na sala de estar. Mas, olhando com mais atenção, notei outras peculiaridades no quarto. Na mesa de cabeceira à esquerda do Sr. Black havia um frasco de remédio aberto, um frasco que reconheci como pertencendo a Giselle. Diversos comprimidos azuis tinham caído do frasco, alguns na mesa de cabeceira e outros no chão. Alguns deles haviam sido pisados, reduzidos a um pó fino que agora se entranhava no carpete. Aquilo exigiria a potência máxima do aspirador, seguida de um desodorizante de carpete para devolvê-lo a um estado de perfeição.

É raro eu entrar numa suíte e encontrar um hóspede dormindo profundamente na cama. Na verdade, para meu assombro, é mais comum eu dar de cara com hóspedes em uma situação totalmente diferente — *in flagrante*, como se diz em latim. A maioria dos hóspedes que decide dor-



mir ou se dedicar a atividades privadas tem a delicadeza de usar as plaquinhas de “Não Perturbe: ZZZZ” na porta, já que eu sempre as deixo na cômoda da entrada para tais ocasiões. E a maioria dos hóspedes avisa imediatamente quando eu, por acaso, os surpreendo em algum momento inoportuno. Mas não foi assim com o Sr. Black; ele não gritou e me mandou “dar o fora”, que é como ele falaria comigo se eu aparecesse na hora errada. Pelo contrário, continuou dormindo profundamente.

Foi então que me dei conta de que não o tinha ouvido respirar nos dez segundos ou mais que fiquei em pé à porta do quarto. Conheço bem pessoas de sono pesado, porque minha vó era uma delas, mas ninguém tem o sono tão pesado a ponto de parar de respirar totalmente.

Achei prudente ver se o Sr. Black estava bem. Isso também é o dever profissional de uma camareira. Dei um pequeno passo à frente para examinar o rosto dele. Foi nessa hora que percebi como ele estava cinzento, inchado e... nitidamente indisposto. Eu me aproximei ainda mais, hesitante, chegando bem ao lado da cama, onde o olhei de cima. As rugas estavam profundas, e a boca, curvada para baixo numa careta, embora isso não pudesse ser considerado algo raro para o Sr. Black. Havia umas marquinhas estranhas ao redor dos olhos dele, feito alfinetadas vermelhas e roxas. Só então minha mente ativou o sinal de alarme. Foi nesse instante que percebi que aquela situação estava mais errada do que eu havia notado até o momento.

Estiquei uma das mãos lentamente e encostei no ombro do Sr. Black. Estava rígido e frio, como um móvel. Levei a mão diante da boca dele na esperança ansiosa de sentir uma expiração, mas não adiantou.

— Não, não, não — disse eu, levando dois dedos ao pescoço dele, buscando uma pulsação que não encontrei.

Então, o segurei pelos ombros e sacudi.

— Senhor! Senhor! Acorde!

Agora me dou conta de que foi uma coisa estranha a se fazer, mas naquela hora ainda parecia totalmente impossível que o Sr. Black estivesse de fato morto.

Quando o larguei, ele caiu para trás e sua cabeça bateu de leve na cabeceira da cama. Então eu me afastei, com meus braços rígidos ao lado do corpo.

Fui até o outro lado da cama, onde havia um telefone, e liguei para a recepção.

— Regency Grand, recepção. Como posso ajudar?

— Boa tarde — falei. — Não sou uma hóspede. Não costumo ligar para pedir ajuda. Aqui é a Molly, a camareira. Estou na cobertura, suíte 401, e estou lidando com uma situação bem atípica. Uma situação inusitada, digamos.

— Por que ligou para a recepção? Ligue para o setor de limpeza.

— Eu sou do setor de limpeza — falei, erguendo a voz. — Por favor, avise ao Sr. Snow que temos um hóspede... permanentemente indisposto.

— Permanentemente indisposto?

É por isso que é sempre melhor ser direta e clara, mas naquele momento admito que tinha perdido a cabeça temporariamente.

— Ele está morto — informei. — *Morto*, na cama. Ligue para o Sr. Snow. E, por favor, ligue para a emergência. Imediatamente!

Depois disso, desliguei. Para ser sincera, tudo que aconteceu em seguida pareceu surreal, como se eu estivesse sonhando. Lembro que senti meu coração batendo com força no peito, o quarto girando como num filme do Hitchcock, minhas mãos úmidas e o telefone quase escorregando delas quando o coloquei no gancho.

Foi então que ergui os olhos. Na parede à minha frente havia um espelho com moldura dourada, refletindo não apenas a minha expressão apavorada, mas tudo que eu não tinha notado antes.

A vertigem piorou, o chão oscilou como se eu estivesse em um daqueles pisos azulejados que criam ilusão de ótica. Levei uma das mãos ao peito numa tentativa vã de acalmar meu coração vacilante.

É mais fácil do que você pensa — estar à vista de todos, permanecendo ao mesmo tempo quase invisível. Foi isso que aprendi sendo camareira.

Você pode ser muito importante, crucial para o funcionamento das coisas, e ser totalmente ignorada. É uma verdade que se aplica a camareiras e a outros também, parece. É uma verdade que dói.

Desmaiei pouco depois disso. O quarto ficou escuro, e eu simplesmente desabei, como acontece às vezes quando a consciência se torna esmagadora.

Agora, sentada aqui na sala luxuosa do Sr. Snow, minhas mãos tremem. Meus nervos estão à flor da pele. O que é certo é certo. O que está feito está feito. Mas, mesmo assim, estou tremendo.

Uso o truque da vovó para me acalmar. Sempre que um filme ficava insuportavelmente tenso, ela pegava o controle remoto e pulava algumas cenas. “Pronto”, dizia. “De que adianta ficar nervosa quando o final é inevitável? O que será, será.”

Isso é verdade nos filmes, mas não tanto na vida real. Na vida real, suas ações podem mudar os resultados, torná-los tristes ou felizes, decepcionantes ou satisfatórios, certos ou errados.

O truque da vovó funciona bem para mim. Eu pulo algumas cenas e retomo meu filme mental bem no momento certo. Paro imediatamente de tremer. Eu ainda estava na suíte, mas não no quarto. Estava perto da porta de entrada. Voltei correndo ao quarto, peguei o telefone pela segunda vez e telefonei para a recepção. Desta vez, pedi para falar com o Sr. Snow. Quando ouvi a voz dele na linha, falando “alô, o que é?”, fiz questão de falar com muita clareza.

— Aqui é a Molly. O Sr. Black está morto. Estou *no quarto dele*. Por favor, telefone para a emergência imediatamente.

Cerca de treze minutos depois, o Sr. Snow entrou no quarto seguido por um pequeno exército de profissionais da saúde e policiais, depois me afastou dali, me levando pelo cotovelo como se eu fosse uma criancinha.

E agora aqui estou eu, sentada na sala dele, bem ao lado do saguão principal, numa poltrona de couro firme e barulhenta, de encosto alto. O Sr. Snow saiu há um tempo — talvez uma hora, talvez mais. Disse para eu ficar aqui até ele voltar. Estou com uma maravilhosa xícara de chá numa

mão e um biscoito amanteigado na outra. Não me lembro quem trouxe isso para mim. Levo a xícara aos lábios. Está quente, mas não fervendo, a temperatura ideal. Minhas mãos ainda tremem um pouco. Quem preparou um chá tão perfeito para mim? O Sr. Snow? Ou outra pessoa na cozinha? Talvez Juan Manuel? Quem sabe foi Rodney, do bar — um pensamento muito agradável, Rodney preparando a xícara de chá perfeita para mim.

Quando olho para a xícara — de porcelana de verdade, decorada com rosas cor-de-rosa e espinhos verdes —, sinto uma saudade súbita da vovó. Muito forte.

Levo o biscoito amanteigado à boca. Sinto sua crocância entre os dentes. A textura é firme, e o sabor, delicado e açucarado. De forma geral, é um biscoito delicioso. E tão doce... tão, tão doce.

**M**olly Gray tem dificuldade com interações sociais. Aos 25 anos, a jovem muitas vezes entende errado as intenções das outras pessoas, e sua avó costumava interpretar o mundo para ela, criando regras simples segundo as quais a neta poderia viver.

Desde que a avó morreu, nove meses atrás, Molly tem navegado sozinha pelas complexidades da vida. Sua única alegria é ainda poder se dedicar com prazer ao emprego e realizar um trabalho impecável. Camareira do sofisticado Hotel Regency Grand, tem um amor obsessivo por limpeza e organização, o que a torna a pessoa ideal para o cargo.

Certo dia, ao entrar na suíte do infame e riquíssimo Charles Black, a vida organizada de Molly vira de cabeça para baixo: além de encontrar os cômodos em completa desordem, a jovem se depara com nada menos que o próprio Sr. Black morto na cama. Antes mesmo que entenda o que está acontecendo, no entanto, seu comportamento incomum levanta suspeitas da polícia, e a camareira, acostumada a passar despercebida, logo se vê presa em uma teia de mentiras e mal-entendidos que não faz ideia de como desfazer. Felizmente para Molly, amigos que ela nunca soube que tinha se unem em busca de pistas sobre o que realmente aconteceu com o Sr. Black. Mas eles serão capazes de encontrar o assassino antes que seja tarde demais?

Neste mistério que explora o que significa ser igual e ao mesmo tempo muito diferente de todos à sua volta, o leitor se vê em uma jornada emocionante, em que a verdade por trás de uma história nem sempre é absoluta. E quando as reviravoltas parecerem ter chegado ao fim, é melhor repensar: *A camareira* está pronta para surpreender.

**SAIBA MAIS:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1154](http://www.intrinseca.com.br/livro/1154)